



PERFIL

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Boa tarde, sr. Sérgio. Antes de tudo, gostaria de agradecer em nome do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Brasília pelo tempo, nós sabemos que você tem uma agenda cheia, e pela disposição em nos conceder essa entrevista. A primeira pergunta diz respeito ao início de sua carreira: o que te motivou a fazer arquitetura e como foi o processo de você vir para Brasília, morar em Brasília, trabalhar em Brasília. Conta um pouco sobre a sua experiência.

SÉRGIO PARADA:

Boa tarde à todos, obrigado pela atenção e pelo convite. Quando eu tinha 15 anos, entrei na Escola Técnica Federal do Paraná. Eu já gostava muito da construção civil, então entrei no curso Técnico de Edificações. Nos três anos do curso eu ficava na escola em tempo integral, pela manhã eram aulas normais do curso científico e a tarde aulas técnicas, desenho arquitetônico, prática profissional, etc. Foi aí que eu comecei a ter contato direto com as questões da construção civil, desde aquela ida-

ENTREVISTA ARQ. SÉRGIO PARADA
Carolina Borges | Bárbara Tavares

de de 14 ou 15 anos. Eu gostava muito de tudo que eu aprendia, e tinha um professor de desenho de arquitetura, um senhor de ascendência polonesa, que era um exímio desenhista e fazia perspectivas à guache, na época era uma coisa fantástica. E ele ia muito na minha prancheta, naquela época nós desenhávamos em prancheta, e um dia ele me perguntou: “O que que você quer ser? O que você quer estudar depois daqui?” Eu disse assim: “Eu acho que gostaria de fazer engenharia civil, para projetar”. E daí ele disse: “Não. engenharia civil não é pra isso. Quem faz isso é o arquiteto. Engenheiro civil faz outras coisas.” E aquilo me despertou para uma outra realidade. Fiquei com a pulga atrás da orelha, pois naquela época nós não tínhamos a facilidade da internet para pesquisar. E eu então comecei a pesquisar o que era a arquitetura, e claro que o primeiro nome que veio foi do Oscar Niemeyer, que tinha projetado os principais edifícios de Brasília. E aquilo tudo me despertou para arquitetura, eu descobri que, realmente, aquilo que eu aspirava não era a engenharia civil, e sim a arquitetura. Eu fiz o vestibular para arquitetura na Federal do Paraná e passei. Nos cinco anos de curso superior, eu comecei a trabalhar – eu tinha que trabalhar, pois sou de uma família pobre e batalhadora e eu tinha que sobreviver. Quando ainda era estudante, fui trabalhar para um grande escritório de arquitetura em Curitiba como estagiário, onde na época eu ganhava um cruzeiro por hora trabalhada, mas as exigências eram muito grandes. Um dia eu abrindo o jornal, naquela época em Curitiba não sei

se o resto do Brasil era assim, era obrigatório colocar o nome do arquiteto quando se fazia a propaganda de um edifício para venda de apartamentos, e eu olhava um prédio que tinha uma fachada meio curvilínea e achava aquilo interessante, diferente dos demais edifícios. Liguei para esse arquiteto, que era professor da Faculdade de Arquitetura, um dos principais arquitetos modernistas do Paraná, e por coincidência foi ele quem atendeu o telefone, o que normalmente não fazia. Eu disse que gostaria de estagiar com ele e a primeira pergunta que ele fez foi: “Você vai estagiar por que você quer, por hobby ou por que você precisa?” E eu disse: “Porque eu preciso.” Ele falou: “Então pode vir na segunda feira”. No primeiro dia de estágio, eu já sabia desenhar por ter estudado o curso Técnico de Edificações, foi o meu primeiro dia de aula na Faculdade de Arquitetura, essa era minha vantagem em relação aos demais colegas. E esse arquiteto que, anteriormente era engenheiro civil, foi para São Paulo estudar no Mackenzie, mesma Escola de onde saiu Paulo Mendes da Rocha, além dele ter sido o fiel escudeiro ou o número um do arquiteto Adolf Franz Heep, o arquiteto que projetou o edifício Itália em São Paulo. Então ele tinha uma consistência muito grande, não só intelectual, como tecnológica. E foi nesse escritório que eu me criei e fiquei lá do primeiro ano ao quinto ano da Faculdade de Arquitetura. O nome dele era Professor Elgson Ribeiro Gomes, inclusive ele fez uma das apresentações de meu livro, antes de falecer. Foi aquele livro que deixei com vocês na UCB

quando estive lá. E assim foi minha vida. Daí apareceu a oportunidade de vir para Brasília. Eu vim aqui apresentar um trabalho no Ministério do Interior, na época, sobre o controle de erosão urbana. Eu era muito jovem, tinha 27 anos, pois me formei com 22 anos, tinha 5 anos de formado na época. Neste momento, um senhor, o engenheiro Haroldo Maeder, me convidou para vir a Brasília fazer parte daquela equipe técnica. O dr. Haroldo coordenava a área da Vila Residencial de Tucuruí – uma grande empresa de consultoria da época, chamada Engevix, era responsável pela execução dos projetos da Usina de Tucuruí. No entanto, na época eu já tinha um escritório de arquitetura em Curitiba, junto com outro colega, e já dava aula nas faculdades Católica e Federal do Paraná. Tive que abandonar tudo e vir a Brasília, pois eu tinha um grande entusiasmo pela cidade. No período de estudante de arquitetura, nós estudávamos muito esta cidade. A equipe de técnicos, não só os arquitetos, mas os engenheiros, além dos intelectuais de várias áreas, artistas, etc... muitos deles ficaram meus amigos, como foi o caso do Professor Athos Bulcão, o Lelé e vários outros colegas. Então foi pra mim um prazer de estar aqui. Por isso eu vim para Brasília e não saio mais daqui.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

É possível perceber no seu trabalho que você tem como princípio uma integração entre as artes, como paisagismo e artes visuais. Como você trabalha essa integração? Já existe essa previsão no momento do projeto,

como um meio de “completar” a arquitetura, que muitas vezes pode direcionar ou até definir certas opções de partido, ou é algo mais pensado quando a obra está sendo finalizada, como um modo de compor os espaços já construídos?

SÉRGIO PARADA:

Eu acho que acontecem as duas formas, mas principalmente ocorre com a definição em projeto, desta forma a integração será melhor realizada. Para mim, a arquitetura não é só uma profissão técnica, mas deve refletir as questões emocionais das pessoas. As artes devem obrigatoriamente estar incorporadas no trabalho do arquiteto. Acho que a arquitetura é formada pelo tripé: tecnologia, humanismo e arte. Eu acho que o arquiteto tem que ter esse tripé bem consistente e bem colocado quando está no ato projetual. A tecnologia, é obvio, pois nós fazemos estruturas que precisam ser estáveis; o humanismo, é claro, nós tratamos com pessoas, gente, então nós temos que ter esse conhecimento. Por este motivo, creio que o arquiteto que nunca lê, que nunca se deu a oportunidade de conhecer o que é uma manifestação cultural humana, não vai ser um bom profissional. E por fim, as artes, pois tratamos do belo, e este aspecto faz parte do pensamento complexo da arquitetura. No momento que você pensa em um edifício, ou uma cidade, pois a cidade é um grande edifício, sempre vamos em busca do belo.

Para mim a arquitetura começa com a

solidão e termina com a multidão. Você não faz arquitetura sozinho, você pode até pensar, refletir, mas depois você tem que ter uma gama enorme de gente a sua volta, não somente as pessoas que te assessoram nos desenhos, como também os demais técnicos, sejam os artistas, sejam os luminotécnicos – que são muito importantes, desde a escolha das lâmpadas até o estudo de consumo de energia – o paisagista, que pensa no prédio e seu entorno, não só como plantio, mas como paisagem, etc. Depois da estrutura estar montada, podem até mudar certos elementos e podem aparecer espaços que deveriam ser tratados de forma diferenciada, agregando a arte. Então a arte pode aparecer antes, pois eu penso na inserção de obras de arte como algo fundamental, como eu posso vir a pensar depois. Quando estou dentro de um espaço, eu posso pensar que seria interessante ter algo a mais, como uma escultura, talvez.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Eu acho que quando a arte é pensada antes, passa a fazer mais parte da estrutura (estrutura não no sentido construtivo, mas pensada do ponto de vista da composição), quando ela vem depois, é uma coisa aderente, mas que também deve completar.

SÉRGIO PARADA:

Nós temos no Brasil uma artista plástica de origem italiana, Maria Bonomi, que faz muitos painéis e insere-os na estrutura do concreto, ou seja, quando se faz aquelas

grandes massas de concreto, para não ficar algo pesado, ela insere a sua obra como grandes painéis. É uma inserção dentro de uma estrutura. Maria Bonomi se parece muito com Athos Bulcão neste aspecto, que tem como obra mais marcante, os painéis do Teatro Nacional. Ninguém olha aquele teatro sem ver aqueles volumes construídos em suas empenas, pois ele faz parte da arquitetura, ele está inserido na arquitetura e eu acho que se você pensar bem, no Plenário da Câmara dos Deputados do Senado, que tem o painel de madeira atrás da mesa principal, é muito interessante. Se você pensa naquele espaço sem o painel, você não consegue nem identificar que é a Câmara, ou seja, o painel cria uma identidade. Eu acho que se olharmos o painel do Portinari no MEC do Rio de Janeiro, sabemos que se trata daquele prédio, assim como na Pampulha, quando vemos o São Francisco em azulejos feito também por Portinari. Estes painéis fazem parte da arquitetura, apesar de ser um azulejo, uma inserção. Eu tenho certeza, que desde o início, desde os primeiros traços do Oscar, já se imaginava que naqueles lugares iam ter os painéis, e ele os agregou ao seu projeto e chamou o expoente da época, que no caso era o Portinari, para fazê-los. Isto não é o mesmo que agregar um quadro na parede.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Esses painéis tem uma função também, além do aspecto decorativo – não que o decorativo não possa ser entendido como função. Tanto no MEC quanto na Pampulha, os painéis dão uma ideia de integração com o espaço natural. O painel do MEC, com aqueles peixes, parece que está ali como uma tentativa de eliminar o máximo possível o obstáculo visual do muro e dar uma ideia de permeabilidade dos espaços.

SÉRGIO PARADA:

O MEC é algo muito interessante. Um prédio feito na década de 30 que usa conceitos arquitetônicos que hoje certas revistas ressaltam como sendo a grande novidade esta integração entre o espaço urbano com o espaço privado. Isto já era feito naquela época, e no caso do MEC, é possível transitar na arquitetura para ter acesso à cidade. E eu acho que o painel faz isso, ele te induz a transitar pelo espaço, pois ele faz parte do contexto. Se você retira este elemento hoje, vai ficar algo “capenga”. A mesma coisa acontece se tirarmos os volumes de Athos Bulcão das empenas do Teatro Nacional. Tenho a impressão de que um cidadão comum não diria que aquele edifício é o Teatro Nacional. Ele perderia sua essência, seu caráter, o jogo de luz e sombra, a visão do artista. Não posso dizer com certeza, mas se me lembro bem, o Oscar dizia que queria um painel em cerâmica para o Teatro Nacional, mas o Athos contrapôs, dis-

se que a escala das empenas era muito grande. Tenho a impressão de que nós em Brasília não temos noção da escala urbana, nossos espaços são muito generosos. Mas se você imaginar aquele teatro posto no meio do Rio de Janeiro, ficaria gigantesco. Isso me lembra também, quando eu estava fazendo o projeto do aeroporto de Brasília, projeto que iniciei no princípio dos anos 90, e o painel em aço feito pelo Athos para o Terraço Panorâmico foi incorporado naquele espaço. Eu imaginava inicialmente um painel em vidro jateado, pois desejava que a luz entrasse naquele local. Então eu falei com o Athos que queria um painel, mas de forma que não se perdesse a ventilação cruzada, pois era uma área de terraço panorâmico. Só que na nova legislação de segurança não era permitido aqueles terraços antigos, descobertos, pois o ser humano virou um “bicho”, ele poderia jogar uma bomba, etc. Eu queria que fosse aberto, logo, criei volumes de lojas e barzinhos, que eram para serem fechados, com ar condicionado, como se você andasse na Avenida Paulista onde no exterior dos edifícios tem o barulho dos carros, pessoas, etc. No entanto, quando você entra na loja, você tem seu recolhimento. Eu queria que aquele painel viesse a complementar isso, mas que não impedisse a circulação do ar. Eu falei para o Athos que eu tinha pensado em um painel de vidro, jateado, que inibisse um pouco a visão para o antigo terminal. Então o Athos me falou daquele jeito sarcástico dele: “Em vidro? Vai ficar parecendo um box gigante!” Então eu disse: “Mas se for um box feito por você vai ficar lindo!” Daí

ele perguntou se ele poderia mudar de material, e eu respondi que sim, que ele estava livre. Ele ia na obra, olhava, e dizia que queria fazer um painel em aço perfurado, que não permitisse vista, mas que o vento circulasse. Ele me mostrou o painel, o maior painel que ele já tinha feito, 140 metros, que hoje se encontra em péssimo estado de conservação, pois os arquitetos que depois interviram no projeto não tiveram a sensibilidade de perceber isso. O mesmo que aconteceu com os painéis de azulejos do Satélite Norte. Então aí que está, o arquiteto não percebe até onde vai a colaboração da arte nos espaços arquitetônicos. Os arquitetos que não entendem a arte como parte da obra e “passam por cima”, não percebem a importância que estes elementos artísticos têm para o cidadão que frequenta aqueles espaços, e é isso que infelizmente está acontecendo no Terminal de Passageiros de nosso aeroporto. E nesse painel, o Athos tomou a iniciativa e fez um trabalho associado à arquitetura definida, ou seja, aquele teto curvo descia e terminava no seu painel que tinha o caráter de uma grande cortina. Eu acho que você, que está em um centro acadêmico como a Universidade Católica, deve estimular esses jovens que logo serão colegas, a terem a sensibilidade para isso.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Eu me questiono muito sobre o porquê disso: as gerações anteriores tiveram tanta sensibilidade para perceber esse tipo de coisa, e agora, na arquitetura contemporânea, essas coisas não são pensadas.

SÉRGIO PARADA:

Sabe o que eu acho que acontece? Na Arquitetura contemporânea, houve uma mudança radical no pensamento com relação ao modernismo. Eu acho que o arquiteto daquela época, oriundo de uma Bauhaus, ou os que são “antibauhaus”, como o Le Corbusier, que não queriam aquela universalidade, eles tinham pensamentos que iam além do desenho somente, e tinham uma formação generalista bem maior do que hoje em dia, em que o curso de arquitetura é muito técnico e só querem resolver o desenho no AutoCAD, porque é muito mais fácil. Eu escuto muito isso aqui dentro do meu escritório com o pessoal que trabalha comigo, e eu pergunto: “Como o prêmio Pritzker, o grande prêmio da arquitetura, que pra mim é algo muito político, pôde quase esquecer do Frei Otto?” Deram um prêmio para ele recentemente, pouco antes dele morrer. Um homem que fez aquelas maravilhas nos Jogos Olímpicos em Munique, aquelas coberturas tencionadas. Como só agora ele foi reconhecido, e antes dele, outras pessoas foram colocadas na frente? Nada contra os recentes ganhadores, pois eu acredito que tem muita gente talentosa, como o Alejandro Aravena, mas tem

arquitetos que tem uma história muito maior do Aravena. No Brasil, nós temos dois Pritzers, o primeiro foi para o Oscar Niemeyer, que sem dúvida nenhuma foi um arquiteto que mudou o pensamento arquitetônico. Se você pegar alguém da minha geração, e se esse arquiteto disser não que não teve influência do Oscar, é mentira. E o segundo foi para o Paulo Mendes da Rocha. Eu acho que faltou o Lelé, que é um homem que levava a arquitetura como uma invenção também. Ou Sérgio Bernardes, que também foi um pensador da arquitetura. Eu não sei por que o Lelé, até antes de morrer, nunca teve uma premiação dessas. Era um homem que usava tecnologia, a sensibilidade. As obras do Lelé eram repletas de obras de arte do Athos, coisas incríveis. Eu lembro de uma vez visitando o Athos no hospital Sarah Kubitschek, no Lago Norte – nós, no nosso país, temos o péssimo costume de esquecer a pessoa que envelhece – então eu achando que o Athos ficava meio no ostracismo, fui visitá-lo algumas vezes. Um dia ele perguntou se eu não gostaria de visitar o hospital com ele, e eu claro que aceitei com o maior prazer. Aí o secretário dele foi empurrando a cadeira de rodas e eu fui junto, fomos passeando pelo hospital todo, e ele mostrava qual era a ideia que ele tinha para o local, ele tinha uma integração muito grande com o Lelé, pois havia um respeito mútuo entre os dois. Eu me lembro que quando mudei para Brasília, comecei a trabalhar no Edifício Morro Vermelho, também projeto do Lelé. E um dia na minha sala, olhando para fora, vi as pessoas passando uma lixa no concre-

to, com aquelas lixas de disco, e estavam estragando as curvas do concreto. Eu pedi para pararem e fui falar com o síndico, e disse que aquilo não podia acontecer, eles deviam passar com a mão. Depois quando eu vi, num outro dia, estavam pintando os brises do edifício com um laranja diferente e um verde diferente do original. Pedi para pararem de novo, e liguei para o Lelé em Salvador e lhe disse que estavam pintando as placas em uma cor estranha, aí o Lelé falou pra mim: “Me faz um favor? Leva as cores para o Athos escolher, pois foi ele que escolheu as cores originais”. O Athos já tinha contribuído com o arquiteto na escolha das cores, assim como também contribuiu no edifício projetado pelo Oscar na cor amarelas dos brises, que formam um pano de fundo para o Palácio do Itamarati, Ministério de Relações Exteriores. Aquele amarelo foi escolhido pelo Athos. Eu acho que o arquiteto tem que se unir com os outros profissionais sim. E é isso que os jovens precisam saber, que nós não somos donos da verdade, nós precisamos ter essa interação.

“Esse assunto nós já discutíamos há 40 anos atrás quando eu estudava arquitetura. O ego do arquiteto faz ele querer fazer algo que o marque para sempre, independente se aquilo está bem composto ou não com a cidade, isso já acontecia naquela época.”

Sérgio Parada

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

É isso que está faltando né, eu acho que o arquiteto hoje é um pouco narcisista.

SÉRGIO PARADA:

Eu acho que sempre foi, mas antes era mais velado, mais inteligente e sabia dos limites. Hoje em dia não, o arquiteto está mais arrogante, achando que é Deus. O arquiteto não é Deus. Eu sempre falo que, nós somos profissionais como quaisquer outros, somos iguais ao lixeiro que varre a rua, igual ao engenheiro que constrói, ao médico... nós trabalhamos para uma sociedade. Nós não somos diferentes de ninguém, temos que tirar essa arrogância. Nós temos que ser nós mesmos. Vamos cometer erros e enganar, isso é natural.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Nos fale um pouco da sua opinião a respeito do diálogo que se estabelece entre o urbanismo e os espaços internos e externos na arquitetura de Brasília, especialmente aquela concebida por Oscar Niemeyer.

SÉRGIO PARADA:

Brasília é um caso muito especial. Eu lembro quando fui fazer o meu mestrado em urbanismo no México, claro que Brasília era citada sempre. Eu tinha um professor que não era de origem mexicana, mas ele dava aula na UNAM (Universidade Nacional Autónoma do México), maior universidade do mundo onde tinha 300 mil alu-

nos. Lá na Universidade achavam que eu era americano até eu explicar que no Brasil temos pessoas de todas as etnias, muito tempo se passou. Então um dia esse professor disse: “Estive em Brasília, e achei a cidade muito fria.” Naquela época, eu já tinha vivido em Brasília por dois anos e me apaixonei pela cidade. Então eu perguntei para ele: “Porque o senhor achou isso?” E ele disse: “Pois eu estive lá”. E eu perguntei quantos dias ele esteve aqui, e ele disse que passou 3 dias no setor hoteleiro, e eu disse: “O senhor me perdoe, pois o senhor deve ter um conhecimento muito maior do que o meu, mas eu morei em Brasília por dois anos antes de vir ao México, e posso lhe assegurar que a gente não consegue conhecer uma cidade em 3 ou 4 dias. Uma cidade somente é conhecida com tempo”. Brasília foi concebida para ser a capital de um país, então ela tinha que ter uma área, o que nós chamamos de Esplanada dos Ministérios, com uma escala generosa, monumental, porque ali temos os Ministérios, Congresso, Palácios, e assim pensou o arquiteto. Não vou entrar na discussão se ele pensou certo ou errado, mas ele pensou assim, ele pensou em uma cidade para o automóvel, pois naquela época a indústria automotiva começava a despontar no Brasil. Hoje nós discutimos isso, principalmente nas academias, pois não conseguimos imaginar uma cidade vivida pela individualidade, no meu ponto de vista, eu só consigo ver uma cidade vivida no coletivo. Mas lembremos que quando Brasília foi pensada a mais de 60 anos atrás, a indústria automotiva estava começando a despontar

em nosso país, e ninguém sabia como ia ser o futuro. Por isso que eu volto a dizer que nós temos que ser menos arrogantes e mais “pé no chão”. Eu ando no eixão de Brasília e tenho uma dúvida muito grande, pois eu tenho uma colega arquiteta que sofreu um grave acidente quando um carro que veio correndo do lado oposto, se desgovernou e bateu frontal ao carro dela. O Dr. Lúcio e o IPHAN que me perdoem, mas eu não quero morrer por Brasília, tem que ter algo entre as duas vias do eixão que minimize isso. Eu acho que Brasília tem ponderações maravilhosas, mas a Brasília que eu estou falando agora é o Plano Piloto, pois há algumas cidades do entorno que estão em uma grande miséria, como por exemplo o Sol Nascente, onde não tem água e esgoto, que pra mim isto reflete uma favela. Se eu falar do Plano Piloto, das origens, a ideia das superquadras que já estão implantadas com os conceitos originais, principalmente na Asa Sul, eu acho as acho maravilhosas, com suas escalas muito apropriadas. Aquela ideia original eu acho interessante, quando o arquiteto Lúcio Costa pensou nas 400’s, por exemplo, com blocos menores, três pavimentos, mais baratos. Porém o arquiteto não manda na especulação imobiliária, e muitas vezes são eles, os especuladores, que mandam na política urbana. Hoje estas quadras deixaram de ser destinadas as pessoas de menor poder aquisitivo, e nestes locais se implantaram famílias de classe média, que compram aqueles apartamentos e espantam as pessoas para as quais foram pensadas aquelas quadras. Então não adianta

o arquiteto ter a ilusão que o espaço vai continuar como ele planejou. Quando eu fui por duas vezes jurado do Opera Prima, eu brinquei com os demais arquitetos do corpo de jurado dizendo que se aparecesse algum trabalho de urbanização de favela, eu iria descartar. Não é que eu não goste, mas eu acho que certas ações são políticas, não são do arquiteto. Brasília e sua existência se deve a um ato político, não foi o Oscar e o Lúcio que se sentaram em uma mesinha de bar no Rio de Janeiro e decidiram pensar no tema. O JK foi o político que cumpriu a constituição brasileira a qual já falava na transferência da Capital para o centro do país. O JK, que tinha trabalhado com o Oscar na Pampulha, o chamou. O Oscar disse que teriam que fazer um concurso, e quem ganhou esse concurso foi o Lucio. Eu acho que o ato político de transferir a capital era importante, esse ato de trazer a Capital para o interior já estava previsto desde a independência do Brasil de Portugal. Então é o seguinte: Brasília cumpre as suas funções. Eu acho que não tem nenhum arquiteto com um pouco de nível e intelectualidade que não tenha a curiosidade em vir aqui em Brasília. Nós temos uma esplanada toda feita somente por um único arquiteto. E daqui a 100 anos você poderá ver a influência de Oscar Niemeyer através disso. Uma vez estava no Teatro nacional, na época que o Teatro era aberto, porque hoje está essa “desgraceira” que nem teatro nós temos mais aqui, está fechado, e também estava lá o Secretário de Cultura do DF e eu falei: “Acho que vocês não vão precisar ter arquitetos restauradores

no futuro. Terão que ter arqueólogos, pois isso aqui está se tornando uma ruína arqueológica. Vocês acabaram de inaugurar um Museu e uma Biblioteca ali do outro lado do Eixo Monumental e também lá os edifícios estão caindo aos pedaços, sem pintura, iluminação horrível, tudo muito ruim”. Aqui ninguém mantém nada. No entanto, acho que Brasília tem a importância de ser cidade Capital, feita por um país de vanguarda que naquelas décadas de 50 e 60 estava se renovando. Lembro que essas décadas de 50 e 60 foram muito importantes para nossa industrialização.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

E com relação a arquitetura que vem sendo feita em Brasília atualmente, que muitas vezes tem se tornado bastante mercadológica e com poucas preocupações com o contexto já existente, como você avalia?

SÉRGIO PARADA:

Esse assunto nós já discutíamos há 40 anos atrás quando eu estudava arquitetura. O ego do arquiteto faz ele querer fazer algo que o marque para sempre, independente se aquilo está bem composto ou não com a cidade, isso já acontecia naquela época. Mas aqui em Brasília nós temos certas responsabilidades por ser esta cidade de importância nacional e internacional. Mas eu acho que houve um imperativo muito grande da construção imobiliária. Veja o que nós temos aqui fora isso? Nada! Pouquíssimas coisas, e os principais edifícios públicos foram feitos quase que exclusi-

vamente por um único arquiteto, que é o Dr. Oscar. Até as coisas fora da Esplanada que poderiam ter sido feitas de uma outra forma, foram destinadas a ele. Nas superquadras houve uma decadência muito grande, principalmente na Asa Norte, Sudoeste e Noroeste. Na fase inicial de Brasília, naquelas quadras da Asa Sul, as mais antigas, existia uma proporcionalidade entre os edifícios, uma relação entre a paisagem e os espaços livres e espaços construídos, você via os pilotis, ou melhor, tinham pilotis nos edifícios. Hoje em dia não, é um paliteiro. Pois claro, começa a especulação: se constrói no sétimo pavimento, pois o especulador quer ganhar mais e mais. Nos pilotis, tem-se o salão de festas, o bicicletário, ... Esse espaço é ocupado e não existe um poder de polícia que vá atrás e impeça os usos indevidos, enfim não há fiscalização. E quanto aos prédios públicos, nós entramos em uma fase muito ruim no Brasil, que não se constrói mais quase nada. Antigamente, eu ia em uma escola primária em Curitiba, onde o prédio era de 1920 e se caracterizava por uma certa monumentalidade escolar... até hoje eu tenho lembrança dele... as escadarias, pois ele era, de fato, uma escola. Hoje não é bem assim! Hoje a criança entra na escola e cai o teto cai na cabeça dela. O Estado não tem essa preocupação de fazer uma boa arquitetura. Isso é muito triste. Outro aspecto, como você anda em uma cidade tão jovem como essa e que não existe ainda a preocupação do Estado, em desenhar uma calçada. Onde eu moro, no Lago Norte, eles não queriam me dar o habite-se porque eu não tinha

feito uma calçada na frente do meu lote. Eu tive que ir na Administração do Lago Norte e perguntar para o nosso colega arquiteto o porquê deles não me darem o habite-se. Eles me disseram que o problema era que não tinha calçada. Então eu falei para me darem o desenho da calçada que eu iria fazer, e eles disseram que não tinham, mas que deveria fazer com 1,10m ou 1,20m de largura. Aí eu disse que essa calçada não poderia ser feita assim. Ele disse que teria que ser feita, pois uma mulher com um carrinho de bebê precisaria passar. Então eu falei que eles deveriam pedir para a CEB tirar todos os postes que hoje estão no meio dessa calçada de 1,20m, pois qualquer pessoa com carrinho de criança também não conseguiria andar por ela. Até esse arquiteto entender demorou, e eu fiquei sem o habite-se por muito tempo. Então eu falei que quando fizessem um projeto de calçamento, onde as redes urbanas respeitassem o espaço, deixando área livre para as pessoas andarem, eu seria o primeiro a fazê-la. No entanto, no terreno do meu lado, a área pública é invadida com uma piscina, na área verde. Então eu acho que a nossa cidade, nesse ponto, é bem brasileira. Os arquitetos dão um "jeitinho", e a maioria de muito mal gosto.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Sobre a arquitetura contemporânea no Brasil e no mundo, gostaria que você citasse alguns dos seus arquitetos preferidos, que de alguma forma te influenciaram e influenciam.

SÉRGIO PARADA:

Aqueles arquitetos que vem da minha época, não existe quem não diga que não tem influência. Por exemplo, esse arquiteto que eu te disse, de Curitiba (Elgson Ribeiro Gomes), foi um homem que mudou a minha vida, o seu pensamento ético, talvez mais do que a sua própria obra. Eu acho que o Oscar Niemeyer é isso, um homem conhecido nacionalmente e internacionalmente, uma pessoa que tinha liberdade. Eu acho que a grande diferença entre o Oscar e o Dr. Lucio é que ele era muito mais intuitivo, e o Lucio muito mais de conceito, intelectual. Então essas pessoas me influenciaram. Hoje, no mundo contemporâneo, não sei se tenho um colega que exerça sobre mim esta influência. Tem um arquiteto que é um pouco mais velho que eu, Rafael Viñoly, que projetou o Forum de Tóquio, que eu acho uma das obras mais estupendas do século passado, onde ele se apropria desses conceitos que nós estávamos falando, de integração entre o espaço privado e o espaço urbano. Ele é de origem uruguaia, mas o escritório está em Nova York e ganhou esse concurso, que eu acredito ser muito difícil porque os japoneses devem ter uma rigidez muito grande. Alguns artistas desenharam os carpetes do chão – pois o fó-

rum é um lugar de palestras, tem auditórios, grandes, pequenos e médios – e ele seguiu os desenhos dos artistas de lá que trabalhavam com cores no piso, ou seja, a inserção da arte na arquitetura. E outro colega contemporâneo que também muito me influencia e que respeito muito, é o Lelé, o arquiteto João Filgueiras Lima.

Eu estive vendo o Museu Guggenheim, do Gehry, e na verdade eu fiquei meio decepcionado pois lá dentro era tudo muito quadrado, muito diferente daquilo que o arquiteto queria mostrar no seu arcabouço. Mas aquele museu, quer queiramos ou não, trouxe uma nova vitalidade para a cidade. Eu estive no Rio de Janeiro, no museu do Futuro do Calatrava, e eu acho aquelas estruturas já muito desgastada, mas é o maior sucesso, todo mundo adora. Eu não sei se é a museografia, que deve ser bela. Eu estive na cidade do México e fui ver um museu, Soumaya, onde estão as obras particulares do homem mais rico do mundo, o Carlos Slim, ele tem a maior coleção particular de Rodin. Um museu com uma pretensão, com aquelas curvas no meio daquela arquitetura mexicana, que é belíssima. Mas ele, o arquiteto, foi pretensioso, pois ele já tinha trabalhado com um desses arquitetos europeus que estão em evidência, que eu chamo de “novos ricos da Europa”, e o resultado não foi bom, ou seja, a influência foi péssima. A museografia é discutível e a luminotécnica é terrível.

A colega Zaha Hadid, recentemente falecida, é mais coerente. A algum tempo atrás eu li um texto de um crítico de arqui-

tetura, profissional pouco valorizado por aqui, que falou algo muito interessante: disse que a Zaha é um produto do Estado Inglês, pois, em primeiro lugar, ela é mulher, independente de ser talentosa ou não. Em segundo lugar, era iraquiana, e ela conseguiu mostrar ao mundo que a Inglaterra era inovadora, que dava chance para as minorias. Você não acha que existem outras mulheres inglesas, ou não, tão boas quanto ela? Deve ter, não é possível que não tenha, mas eles pegaram ela, e claro que ela aproveitou isso, e com o seu talento, uniu o útil ao agradável. Eu vi hoje que estão começando a construir o maior prédio do mundo, lá nos Emirados Árabes. Apesar deles já terem o maior, mas vão fazer um outro maior ainda. Eles estão disputando entre eles mesmos. Quando eu estive na China, fazendo um trabalho, me deu uma pena de ver Xangai..., aquelas torres gigantes e a essência da cultura deles que está se perdendo... O mesmo que está acontecendo nos Emirados Árabes. Eu acho que há espaço pra todo mundo, mas nós precisamos ter mais educação e cultura. Uma vez eu fui convidado para fazer uma conferência em uma universidade do norte do México. Estavam presentes o arquiteto Francisco Serrano, um dos arquitetos que projetou a Embaixada do México aqui em Brasília, um homem sensacional, grande amigo meu, e o David Fisher, que faz uns prédios que giram. Quando as perguntas começaram, o aluno perguntou: “O que o senhor acha desses edifícios que giram?”. Haviam 700 alunos na plateia e o colega estava sentado do meu lado, e eu falei:

“Se você analisar como uma beleza plástica, eu acho interessante. Mas analisando o outro lado da arquitetura, que é servir a todos nós seres humanos... Nós vivemos em um globo chamado Terra que 70% de sua população não tem água nem esgoto, então nós temos que lutar por isso. Nós não fazemos só fachadas. A cidade é a grande arquitetura e concentra 90% ou mais da população mundial. Então eu vou dizer uma coisa para vocês, existia na minha época, quando eu era criança, não sei se aqui no México tinha, um desenho animado chamado “Os Jetsons”, e que se vocês se lembram bem, tinha um pistão de elevador que subia quando chovia, ia para cima das nuvens, e descia quando o tempo ficava bom. O Jetson era um operário, que saía de casa em um carrinho com o teto de vidro e parava dentro do apartamento. Eu vou fazer uma analogia com os tempos de hoje. Eu não acredito que o prédio tem que sair para as nuvens. Eu não acredito em uma esteira rolante, pois hoje em dia nós pagamos uma fortuna em uma academia para correr. E não acredito em uma mulher de lata que te recebe, pois nós temos uma carência tão grande de empregos.” Então quando eu terminei de falar isso, os 700 alunos levantaram e começaram a aplaudir. E hoje se vê muito esse tipo de coisa e eu fico pensando: será que se eu fosse contratado, eu faria algo do tipo?

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Obrigada sr. Sérgio pela bela aula e pela oportunidade de aprendermos um pouco com a sua experiência, com seus conhecimentos e com seu trabalho.

“Hoje em dia não,
o arquiteto está mais
arrogante, achando que é
Deus. O arquiteto não é
Deus.”

Sérgio Parada